

GÊNERO E EDUCAÇÃO: UM PANORAMA DAS PESQUISAS ACADÊMICAS NO BRASIL A RESPEITO DA DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GENDER AND EDUCATION: A PANORAMA OF ACADEMIC RESEARCH IN BRAZIL REGARDING MALE TEACHING IN CHILDREN EDUCATION

Tuéli Fonseca da Silva¹

Giani Rabelo²

RESUMO: O artigo aqui apresentado procura dar visibilidade às pesquisas feitas sobre a docência masculina na Educação Infantil e tem como objetivos geral e específico analisar se as pesquisas acadêmicas abordavam o tema da docência masculina neste nível de Educação Básica. Como metodologia, utilizou-se a abordagem qualitativa, na medida em que foram realizadas análises das nove dissertações e uma tese encontradas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir dos seguintes descritores: “Docência Masculina” e “Professores Homens da Educação Infantil” Para a análise foram utilizados os seguintes referenciais: Louro (2003); Vianna (2013); Almeida (1998) entre outros. Dessa forma, foi possível analisar e compreender as dificuldades e preconceitos que são encontrados por professores homens que se dedicam a trabalhar na Educação Infantil. Os objetivos propostos nessa pesquisa foram alcançados com base nas entrevistas encontradas nas dissertações e teses. Contudo, ainda estamos muito longe de mudar a ideia de que o magistério é algo feminino, perante a sociedade. De qualquer forma, acredita-se que este artigo contribuirá para que muitas outras pesquisas sobre esse tema ainda sejam feitas, e que, em breve, tenhamos uma educação igualitária sem a diferenciação do gênero.

PALAVRAS CHAVE: Gênero. Docência Masculina. Educação Infantil.

ABSTRACT: The present study seeks to give visibility to researches on male teaching in Early Childhood Education and it has as main objective to analyze if the academic researches approached the subject of the male teaching in this level of Basic Education. As a research methodology, the qualitative approach was used in which nine dissertations and one thesis, found in the Bank of Thesis and Dissertations of Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), were analyzed from the following descriptors: "Male Teaching" and "Male Teachers in Early Childhood Education" with the following authors as reference: Louro (2003); Vianna (2013); Almeida (1998) among others. Therefore, it was possible to analyze and understand the difficulties and prejudices that are found by male teachers who are

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia, thuelif@unesc.net

² Doutora em Educação. PPGE/UNESC, gra@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

dedicated to work in Early Childhood Education. The objectives proposed in this research were reached based on the interviews found in dissertations and thesis. However, we are still a long way from changing the idea that the teaching is feminine, towards society. In any case, this article may contribute to many other research on this topic and that, soon, we will have an education with equality without gender differentiation.

KEYWORDS: Gender. Male Teaching. Child Education.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral compreender em que medida as pesquisas acadêmicas têm abordado o tema da docência masculina na Educação Infantil, em especial, teses e dissertações voltadas para a área da educação. Como objetivos específicos, pesquisou-se: se o gênero tem sido utilizado como uma categoria de análise nos estudos encontrados; identificar quais limitações e preconceitos têm sido apontados pelos estudos em relação à docência masculina; perceber o olhar das crianças na perspectiva dos professores na Educação Infantil e, por último, compreender, com base nos estudos pesquisados, quais as expectativas das equipes diretivas em relação aos professores.

O tema do artigo aqui apresentado surgiu com base em observações realizadas durante a graduação, período em que não convivi com nenhum acadêmico do gênero masculino em minha turma, apenas observei o ingresso de alguns homens, a partir de 2015 no curso. Diante de tal evidência, senti-me instigada a pesquisar e compreender os motivos pelos quais a docência masculina ainda é minoritária na Educação Infantil.

No ano de 2014, período em que trabalhei em uma escola vinculada à Secretaria Municipal de Educação (SME) de Forquilha (SC), pude perceber, logo no início do ano letivo, a presença de dois auxiliares do sexo masculino que foram chamados pela SME para fazer parte do quadro de funcionários. Apesar de não ter contato com o Centro de Educação Infantil (CEI) em que eles atuaram, lembro-me que houve manifestações dos pais devido a eles trabalharem com crianças da Educação Infantil. Isso suscitou questionamentos no sentido de querer entender as motivações e restrições apontadas pelos pais.

Existem pesquisas que apontam que mulheres também cometem abusos sexuais. Na matéria do site Último Segundo, a Psicóloga do Hospital Pérola Byington, Daniela

Pedroso (2010), especialista em violência sexual contra crianças e adolescentes, aponta que o número de casos em que uma mulher é a agressora deve ficar em torno de 5% do total. “Fica mais oculto. A denúncia de casos de abuso sexual de forma geral já acontece apenas entre 10% e 20% das vezes que acontece. No caso das mulheres, então, muito menos.” (ULTIMO SEGUNDO, 2010).

Em uma matéria do Jornal Estadão (SÃO PAULO, 2017), fica evidente a discrepância entre o número de professores do sexo masculino comparado ao número de professoras na Educação Infantil. Ao comentar o Censo Escolar de 2016, a notícia aponta que, na creche (de 0 a 3 anos), os professores do sexo masculino somam 2,3% do total de docentes, já nos anos finais do Ensino Fundamental, eles são quase um terço (30,4%) do total. O Jornal Estadão mostra, ainda, que no último estudo da Organização de Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE), dos 41 países analisados em 2015, a cada 10 (dez) professores da Educação Infantil ou Ensino Fundamental, apenas 2 (dois) são homens. O relatório, ainda, traz que é imprescindível a presença de homens na Educação Infantil para que as crianças desenvolvam uma identidade positiva sobre gênero. (ESTADÃO, 2017).

Esta realidade pode ser observada na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) também. Segundo dados da Secretaria Acadêmica, desde a abertura do curso de Pedagogia, em 1972, até o segundo semestre de 2016, foram diplomados 2.823 profissionais, destes, 75 são homens, ou seja, 2,65%. Diante disso, fica uma questão: o que seria preciso para que esse número fosse diferente?

Outro fato curioso é que os homens são maioria na docência do Ensino Superior. O Site Último Segundo diz que, de acordo com o Censo da Educação Superior de 2010, dos 345 mil professores universitários em exercício, apenas 154 mil são mulheres (ULTIMO SEGUNDO, 2011).

A fim de cumprir com o objetivo geral deste estudo, que é o de compreender em que medida as pesquisas acadêmicas têm abordado o tema da docência masculina na Educação Infantil, em especial teses e dissertações voltadas para a área da educação, realizou-se uma pesquisa bibliográfica. Por essa modalidade de pesquisa compreende-se, conforme Oliveira (1999), que tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno. O levantamento dos

estudos foi realizado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a partir dos seguintes descritores: “Docência Masculina” e “Professores Homens na Educação Infantil”. Foram encontrados 9 (nove) dissertações e 1 (uma) tese, conforme quadro que segue:

Quadro 1: Dissertações e Teses Analisados

TÍTULO	AUTOR (A)	ANO	UNIVERSIDADE PROGRAMA	TIPO DE PESQUISA E METODOLOGICOS
Um estudo sobre os professores homens na educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte- M.G.	Joaquim Ramos	2011	Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Pesquisa qualitativa – Entrevista (47 sujeitos)
*“Professor homem na educação infantil: A construção de uma identidade”.	Maria Arlete Bastos Pereira	2012	Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo	Pesquisa qualitativa – Entrevista e Questionário (5 sujeitos)
O professor de educação infantil: Uma análise das concepções de docência na produção acadêmica.	Juliane Mendes Rosa La Banca	2014	Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina	Pesquisa Bibliográfica
Transitando na fronteira: A inserção de homens na docência da educação infantil.	Wagner Luiz Tavares Gomides	2014	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa MG	Pesquisa qualitativa – Entrevista (10 sujeitos)
*“Gênero e educação infantil: O trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil”.	Lilian Borges dos Santos	2014	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas RS	Pesquisa qualitativa – Entrevista - Observação (2 sujeitos e conversas informais com crianças)
*“Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil	Peterson Rigato da Silva	2014	Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação SP	Pesquisa qualitativa – Entrevista – Observação – Fotografia (1 sujeito)

O trabalho docente na educação infantil na perspectiva de professores de um município do interior paulista.	Luciano Gonçalves Teodoro	2015	Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda SP	Pesquisa qualitativa – Entrevista (6 sujeitos)
*“Homens na educação infantil: o que pensam as diretoras sobre isso?”	Karine Jacques Hentges	2015	Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas RS	Pesquisa qualitativa – Entrevista (4- sujeitos)
*“Vozes masculinas no cotidiano escolar: Desvelando relações de gênero na educação infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz”	Ana Márcia de Oliveira Carvalho	2015	Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara SP	Pesquisa qualitativa – Entrevista-História de vida (4-sujeitos)
**A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?	Elsa Santana dos Santos Lopes	2015	Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Pesquisa qualitativa – Entrevista (4 sujeitos)

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES

Nota: * Estes trabalhos fazem análise da questão de gênero.

Nota: **Este trabalho foi apresentado em forma de Tese e faz análise da questão de gênero.

As análises das dissertações e da tese foram feitas a partir do objetivo proposto e das questões norteadoras.

A fim de realizar o estudo, organizaram-se as questões de pesquisa em tópicos e, a partir destes, procurou-se, em cada estudo, encontrar o que estava relacionado ao tema, e, assim, dar prosseguimento a análise, tendo como referenciais autores(as) que apresentam discussões relacionadas ao tema. Para este fim, foram utilizados autores como: Louro (2003); Vianna (2013); Nader (2002); Scott (1995); Almeida (1998) entre outros.

Na primeira parte deste artigo, encontram-se estas discussões teóricas, a fim de situar as análises. Na segunda parte, apresenta-se a análise das dissertações e da tese a partir das seguintes questões: o uso do gênero como categoria de análise, as limitações e preconceitos em relação à docência masculina na Educação Infantil, O olhar das crianças na perspectiva dos professores na Educação Infantil, bem como as expectativas das equipes diretivas em relação aos professores na Educação Infantil.

Este estudo está vinculado à linha de pesquisa teoria e prática pedagógica e tem a intenção de contribuir com o debate da docência masculina na Educação Infantil, principalmente, no processo de formação de pedagogos e pedagogas.

Por último, apresentam-se algumas considerações finais acerca do estudo.

2 GÊNERO, FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil, as primeiras instituições escolares eram organizadas e mantidas por religiosos, que investiam na educação de jovens brancos da classe dominante e voltadas para o catolicismo, conforme aponta Louro (2003).

Ao longo do século XIX, as mulheres não só começaram a frequentar as salas de aula, como, também, pouco a pouco, tomaram seus lugares como docentes e, gradativamente, vão crescendo os argumentos que favorecem a instrução feminina, de forma que isso resultará na feminização do magistério.

De lá para cá, as mulheres passaram a ocupar cargos e funções no mercado de trabalho formal. Todavia, mesmo as mulheres adentrando neste espaço, seus salários eram menores do que o dos homens, porém, elas foram avançando em outros espaços profissionais, inclusive, em profissões consideradas historicamente masculinas.

De acordo com Sarti (2004), o movimento feminista foi um marco na história que causou impacto nas instituições sociais, causou impacto, também, nos costumes, o que acabou por ampliar o espaço da mulher na sociedade. Neste processo, as mulheres começaram a romper o paradigma que as determinava como invisíveis na esfera do mundo privado, uma vez que já ocupavam as oficinas e lavouras. Não passou muito tempo para que elas também estivessem em outros ambientes como as escolas, escritórios, lojas e, também, os hospitais. Ainda assim, havia diferenças entre homens e mulheres, pois o trabalho feito por mulheres era, geralmente, representado como secundário, ou de “apoio”, pois, muitas vezes, era ligado à assistência, como aponta Louro (2003).

O ingresso das mulheres na educação se deu pelo fato de serem consideradas "mais capazes" para a função de professoras, mas, também, pela sua luta histórica para fazer

parte do ambiente socioeconômico dominado pelos homens naquela época. Conforme Vianna (2013), a partir do século XIX, os homens foram abandonando as salas de aulas e o magistério feminino começou a crescer e, no início de 1930, a maioria do magistério primário já era feminino.

O ingresso das mulheres na Educação Infantil pode nos remeter a proposta de Friedrich Froebel (1752 – 1852), fundador do jardim de infância no século XIX na Alemanha, intitulado, assim, por compreendê-lo como uma instituição que faz com que as crianças desabrochem e floresçam como plantas. Um lugar onde é necessário um jardineiro ou uma jardineira para regá-las e cuidá-las.

De acordo com Arce (2002), apesar de ter sido ele o fundador do jardim de infância, Friedrich Froebel acreditava que só as mulheres possuíam o dom necessário para serem professoras. No seu entendimento dele, elas nasciam com o dom de educadoras natas, possuíam os atributos necessários para serem educadoras e que só precisariam do fazer educativo para que isso fosse despertado.

No Brasil, as primeiras creches foram consequência do processo de industrialização, pois, na medida em que as mulheres foram trabalhar fora de casa, surgiu a necessidade de criar um local onde elas pudessem deixar seus filhos. Concomitantemente, os argumentos para que as mulheres ingressassem como professoras na Educação Infantil estavam pautados na ideia de que o magistério seria uma extensão da maternidade, ou seja, os cuidados básicos da criança ficariam pelas mãos “carinhosas” das mulheres, como afirma Louro (1997), já que elas estavam trabalhando e precisavam deixar seus filhos em algum local durante o dia, nada melhor do que aliar maternidade e trabalho.

A representação do magistério é então transformada. As professoras são compreendidas como mães espirituais— cada aluno deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha [...] Disciplinas como Psicologia, Puericultura e higiene constituem-se nos novos e prestigiados campos de conhecimentos daquelas que são agora as novas especialistas da educação e da infância. (LOURO, 2003, p. 97).

Louro (2003, p. 96) ressalta, ainda, que “[...] em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são, tradicionalmente, associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc.” Esses atributos femininos têm a ver com a reflexão apresentada por Almeida (1998) ao analisar o século XIX, em seu trabalho

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

intitulado “Mulher e Educação: uma paixão pelo possível”, em que argumenta que se considerava normal o homem estar no poder acima da mulher, cenário no qual a mulher sofria opressão por parte dos homens com base no gênero. O homem era considerado bruto e forte para o trabalho braçal e a mulher considerada frágil, além de o seu lugar ser visto restrito à condição de mãe e dona do lar. A sociedade exigia-lhe que fosse pura e delicada.

Ainda nos dias de hoje, apesar dos avanços e das lutas das mulheres, a sociedade espera que a mulher seja submissa ao homem, que não questione e que acate as ordens sem ter reações emotivas. Quanto ao homem, segundo Nader (2002), o principal papel que a sociedade lhe atribui é de ser um ser corajoso e calculista diante da vida. Em oposição ao papel da mulher, a sua realização deve dar-se na vida pública, assumindo, diante da família, o papel de provedor e de chefe.

As expectativas em relação ao sexo masculino e feminino não são resultados das características biológicas, mas sim de um processo histórico e cultural que se reproduzem nas relações desiguais entre os sujeitos. Conforme aponta Louro (2003, p. 22):

As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

Os estudos sobre a condição de desigualdade vivenciada pelas mulheres nas diferentes sociedades têm uma longa trajetória, uma vez que várias estudiosas já se debruçaram sobre este tema. No entanto, a compreensão de que este fenômeno não é resultado de características biológicas é algo recente e o conceito de gênero tem contribuído muito neste entendimento. De acordo com Scott (1995), na verdade, a questão do gênero não passa de uma construção histórica para diferenciar homens e mulheres, na questão do poder, em que o homem, por anos, foi considerado superior às mulheres. Ainda de acordo com Scott, (1995, p. 75):

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro [...] além disso, o termo gênero também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram

um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar a luz e de que os homens tem uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

Nader (2002, p. 468) acrescenta na discussão que “[...] o caráter social das diferenças entre homens e mulheres permite que se perceba uma estreita ligação entre o social e o biológico, embora a construção dos gêneros seja, fundamentalmente, processo social e histórico.”.

O termo gênero não tem significado de sexo. Gênero rejeita a ideia do determinismo biológico, implícito no termo “sexo” ou na expressão “diferença sexual”, e está ligado à construção social do sujeito masculino ou feminino, ou seja, representando o aspecto social das relações entre homens e mulheres, gênero é um conceito que se distingue do conceito biológico de sexo.

O trabalho do homem e da mulher, historicamente, sempre foi dividido baseado em argumentos biológicos ou vocacionais entendidos como parte da natureza de homens e mulheres, resultando em desigualdades. Hirata e Kergoat (2007) argumentam que a divisão sexual do trabalho pode ser feita de duas maneiras: o princípio da separação, em que se acredita que existem trabalhos que são masculinos e trabalhos que são femininos, e o princípio hierárquico, no qual o trabalho do homem vale mais do que o da mulher.

A presença feminina na Educação Infantil, muitas vezes, é reforçada pela própria mídia, que acredita que esse espaço é mais adequado à natureza feminina do que à masculina. Neste contexto, o professor homem, quando chega à escola e, principalmente, na Educação Infantil, é sempre observado com suspeita. Muitas vezes, os (as) próprios (as) colegas acabam tendo dúvidas sobre o trabalho desenvolvido por eles neste nível de ensino.

Cirqueira e Santana (2015, *apud* FINCO; SILVA; DRUMOND; 2011) reconhecem que a presença masculina nas escolas ainda é vista com aversão, principalmente, quando existem homens como profissionais docentes na Educação Infantil. Da mesma forma, isso acontece quando pais levam os filhos para a escola, pois a imagem da mulher como educadora ainda impera, revelando uma sociedade machista e patriarcal que acredita que os cuidados com os (as) filhos (as) é papel exclusivo das mulheres.

O relatório da OCDE (2002, *apud* SOUZA, 2010) mostra que com as mudanças recentes no (s) modelo(s) de família, a criança nem sempre tem a possibilidade de conviver com homens em casa – por isso defende a importância do contato com modelos masculinos e femininos nas instituições, garantindo a diversidade.

Concorda-se, aqui, com a ideia de que se faz necessário que as crianças tenham a oportunidade de conviver com o modelo masculino, se não em casa, que seja na escola, uma vez que os arranjos familiares são diversos.

Aos poucos, e de forma fundamentada, precisamos, como educadores e educadoras, problematizar com colegas, crianças e pais o quanto é importante a presença destes dois gêneros na sala de aula. Dessa forma, é imprescindível que a escola torne este um espaço mais democrático e desnaturalizado, afinal, homens e mulheres têm muito a ensinar às crianças.

3 ANALISANDO AS DISSERTAÇÕES E TESE

Neste item do artigo, propõe-se o desenvolvimento dos objetivos assinalados nesta pesquisa, ou seja: perceber se o gênero tem sido utilizado como uma categoria de análise nos estudos encontrados; identificar quais limitações e preconceitos têm sido apontados pelos estudos em relação à docência masculina na Educação Infantil; investigar o olhar das crianças na perspectiva dos professores na Educação Infantil e compreender, com base nos trabalhos pesquisados, quais as expectativas das equipes diretivas em relação aos professores na Educação Infantil.

3.1 O uso do gênero como categoria de análise

Na análise dos trabalhos encontrados, vários (as) autores (as) são utilizados (as) na discussão sobre o conceito de gênero, porém os(as) autores(as) que mais aparecem são os(as) seguintes: Louro (2003); Vianna (2013); Meyer (2010) e Scott (1995). Entre estes (as), Scott é a mais citada. No estudo de Ramos (2011, p. 60), o conceito de gênero é discutido a partir da definição de Scott (1990) e sobre isso o autor afirma:

[...] a conceituação de gênero proposta por Joan Scott (1995) terá papel central na análise por nos permitir compreender a natureza das relações estabelecidas entre a comunidade escolar e os professores homens que lidam diretamente com crianças pequenas, provocando incômodos e estranhamentos.

Outro conceito de Scott (1995, *apud* RAMOS, 2011, p. 60), também é citado: “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. ”. No estudo de Pereira, o conceito de gênero começa a ser discutido a partir de Soihet e Pedro (2007 *apud* PEREIRA, 2012, p.33):

[...] nas ciências sociais, tomou outra conotação, e significa a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos. O grande impacto que vem produzindo nas análises sociais funda-se em ter chamado a atenção para o fato de que uma parte da humanidade estava na invisibilidade – as mulheres –, e seu uso assinala que, tanto elas quanto os homens são produto do meio social, e, portanto, sua condição é variável.

De modo geral, as culturas criam padrões de diferenças entre os sexos. Até o século das luzes, ser homem ou ser mulher correspondia a uma hierarquia, um lugar na sociedade, um papel cultural, e não uma oposição biológica entre um e outro (NADER, 2002, p. 471).

De acordo com Louro (2003, p. 23), na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aqueles (as) que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. (VIANNA, 2013 *apud* LOPES, 2015), diz que o gênero “[...] passou a adquirir caráter relacional e a abarcar a definição e a estruturação das relações sociais, englobando as dimensões de classe, raça, etnia e geração na procura de apreensão das distintas formas de desigualdade”.

O gênero ocupa um lugar central nestes trabalhos, mas os demais não fazem uso dessa categoria conceitual. Dos 10 (dez) trabalhos analisados, 6 (seis) fazem uso da categoria gênero. Os demais discutem a condição do professor masculino na Educação Infantil sem fazer relação com a construção histórica, cultural e social deste sujeito que, ainda, é considerado um invasor no espaço da Educação Infantil. De certa forma, ao não analisar as questões de gênero, as dissertações deixam de lado todo o processo histórico pelo qual a sociedade passou, e ainda passa, para desconstruir esse muro que separa homens e mulheres.

3.2 As limitações e preconceitos em relação à docência masculina na educação infantil

A partir da discussão apresentada no item 2 deste trabalho, *Gênero, Feminização do Magistério e a Docência Masculina na Educação Infantil*, fica evidente que a Educação Infantil tem fortes marcas do feminino, a partir de uma visão que parte dos pressupostos biológicos como fundamento. Sendo assim, a sociedade acredita que a Educação Infantil é algo para as mulheres porque isso faz parte da natureza feminina, mais ou menos sendo uma extensão da maternidade. Desse modo, os homens não podem fazer parte deste espaço, por não fazer parte da natureza deles o carinho e o jeito de lidar com crianças pequenas.

Nesse sentido, trazem-se os relatos dos entrevistados apresentados nos estudos analisados sobre os preconceitos e as limitações sofridas por eles dentro do ambiente de trabalho, os quais, muitas vezes, foram causadas pelos próprios(as) colegas e pais de alunos(as). Na dissertação de Pereira (2012), um professor assim se manifesta sobre os preconceitos e limitações sofridos no seu cotidiano:

[...], Mas por uma questão assim da diretora achar [...] um homem no Berçário I, os pais podem não ver com bons olhos, e até também a questão do homem trabalhar com o Berçário I, então ela me colocou para trabalhar com o BII. Ela não perguntou, será que você quer trabalhar no BI? Ela falou para ir para o Berçário II. [...]. Ela não viu todo esse processo que eu passei: eu fiz Magistério, participei do Projeto Educriança, fiz Pedagogia. [...] nem perguntou, será que você tem formação? Você é homem vai para o BII (risos), pelo menos as crianças sabem falar e se houver alguma coisa, algum desrespeito com as crianças, elas vão falar. (ALEXANDRE, 2012 *apud* PEREIRA, 2012, p. 94).

Chama a atenção na escola e nos processos de formação de professores (as) o fato de se discutir e defender tanto a “Educação Inclusiva”, mas parece que nessas mesmas instituições há um processo de exclusão entre os próprios colegas de trabalho que acabam rotulando-os, marginalizando-os e se esquecem dos anos de graduação, dos estágios pelos quais eles também passaram. Para Louro (2003, p. 89):

Os discursos pedagógicos (as teorias, a legislação, a normalização) buscam demonstrar que as relações e as práticas escolares devem se aproximar das relações familiares, devem estar embasadas em afeto e confiança, devem conquistar a adesão e o engajamento dos/as estudantes em seu próprio processo de formação.

Isso causa estranhamento quando relacionamos este fenômeno à ideia construída historicamente que “[...] a escola é sim um local de homens, pois o conhecimento é produzido fundamentalmente na escola e foram os homens ao longo da história que produziram esse conhecimento.” (LOURO, 2003, p. 89). Da mesma maneira, acredita-se, fielmente, junto com os pais, que os homens não devem permanecer próximo aos corpos das crianças, pois a sociedade acaba rotulando-os como possíveis abusadores e pedófilos.

Em sua dissertação, Gomides (2014) aponta, por meio de um depoimento de seu entrevistado, que os homens que trabalham em Educação Infantil não são somente “excluídos” do cuidar, como, também, muitas vezes acabam tendo sua orientação sexual questionada.

[...] tem aquela coisa do homem que faz Pedagogia ter aquela fama de ser veado. Comigo, diretamente comigo, ninguém chegou a me atacar dessa forma não, mas com meu irmão falavam. Quando ficavam sabendo, falavam com o meu irmão: ‘Ah, seu irmão está fazendo Pedagogia, curso de mulher.’ (DAVI, 2014, *apud* GOMIDES, 2014, p. 59).

A orientação sexual dos homens que atuam na Educação Infantil está quase sempre em suspeita, ficam sujeitos às rotulações e uma delas é de que todos que optam pela Educação Infantil são homossexuais. Isso nos faz pensar sobre as seguintes questões: o professor, sendo homossexual, terá mais “jeito” com crianças? Será mais cuidadoso? Será que, nestes profissionais, é creditada mais confiança?

Na dissertação de Lopes (2015), o professor entrevistado relata que a coordenadora da escola onde trabalhava tinha preconceito e falava que, ou ele era gay, ou era pedófilo, pois não havia sentido ele optar por uma profissão de mulheres. A postura desta coordenadora parte do pressuposto de que o curso de Pedagogia é um curso exclusivo para mulheres e os homens que decidem optar por esta profissão estão fora do padrão de sexualidade, ou seja, não correspondem ao padrão heteronormativo. Certamente, este tipo de postura dificulta muito o trabalho e o reconhecimento dos professores neste campo, criando barreiras para uma condição de respeito profissional. Sobre esta questão, Louro (2008, p. 28) traz a seguinte reflexão:

O grande desafio não é assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira

Em outro relato de uma diretora apresentado por Ramos (2011), percebe-se o quanto a questão de gênero influencia pais na tomada de decisões e acaba por ignorar o processo de qualificação que todos os profissionais passam para tornarem-se professores.

Em 2005, quando uma mãe descobriu que havia um professor homem aqui, ela conversou longamente com a coordenadora e solicitou que sua filha, na época com um ano de idade, não ficasse, em hipótese alguma, na turma dele. Ameaçou até em tirar a criança da escola. (KAMILA, 2011, *apud* RAMOS, 2011, p. 99).

Interessante perceber que, esse preconceito está presente dentro dos muros das escolas, onde de certa forma os professores sofrem preconceito e estranhamentos por parte dos colegas, e coordenadores. Já no momento que o professor está fantasiado, seu sexo/gênero/orientação sexual não entra em discussão. Ele pode ser quem ele quiser, pode tocar as crianças, abraçar, isso não o torna uma ameaça, não faz com que os pais ou os colegas duvidem do seu caráter, é o que traz o depoimento de um professor apresentado no trabalho de Gomides (2014):

Outra ocasião (Festa da Páscoa), depois de encarecidos pedidos da escola para que eu me vestisse de coelho e brincasse com as crianças, foi-me autorizado beijá-las, abraçá-las, sentá-las no meu colo diante dos pais, entrar no banheiro, enfim, eu pude tudo, enquanto Coelho da Páscoa. (WAGNER, 2014, *apud* GOMIDES, 2014, p. 69).

Os professores, em sua maioria, sofrem ou já sofreram algum tipo de preconceito ou estranhamento quando trabalham junto às crianças pequenas, seja por parte dos colegas de trabalho ou mesmo dos pais dos(as) alunos(as). Foi possível perceber, nas dissertações analisadas, que eles sentem que estão sendo testados, que estão sendo observados em todos os momentos e que, obviamente, para que permaneçam nestes espaços com sucesso, precisam, necessariamente, fazer algumas concessões e, provavelmente, passar por algum tipo de constrangimento.

3.3 O olhar das crianças na perspectiva dos professores na Educação Infantil

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

As crianças, em sua maioria, não possuem preconceito em relação ao professor homem. No entanto, elas possuem certa resistência, no início, quando se deparam com o sexo masculino como professor em sala de aula. Contudo, depois disso acaba sendo assimilado, já que os estranhamentos ocorrem mais por parte dos adultos, como relataram os entrevistados de Gomides (2014), no trabalho já citado:

De início elas sentem um estranhamento né, podemos dizer. Porque elas são acostumadas com a presença da mulher, principalmente nessa faixa etária, nessa modalidade de ensino, e aí eu percebo assim que quando elas veem que é um homem, um homem na nossa creche né, talvez cause aquele espanto. (FELIPE, 2014, *apud* GOMIDES, p. 72).

Por outro lado, depois de acostumadas as crianças procuram o professor homem, pois sentem a necessidade do toque. Nos relatos dos entrevistados, eles associam isso ao fato de os pais estarem trabalhando e não terem tempo para ficar com as crianças, o que, talvez, as levem a buscar a atenção dos pedagogos.

São poucos momentos dessa figura [masculina] na escola. Porque a maioria são as cuidadoras, todas colaboradoras, todas são do sexo feminino. Então elas (as crianças) gostam muito [da figura do homem] e até procuram muito contato físico. Que eu acho que é assim, tipo assim, é o papel do pai, que também trabalha muito fora. E nós tivemos também os estagiários, que eu tive que dar até algumas orientações aos estagiários. Por quê? Nós vivemos numa sociedade, onde as questões de abuso sexual acontecem. (HÉLIA, 2014, *apud* GOMIDES, 2014, p. 80).

Na dissertação de Ramos (2011), o autor traz uma fala de um de seus entrevistados que nos ajuda a compreender a complexidade desta questão:

Num dia atípico, havia mais meninas do que meninos na UMEI [Unidade Municipal de Educação Infantil]. Precisei dar banho em uma das meninas. Ela é uma criança muito pequenininha, muito magrinha, loira, franzina e que teve muita dificuldade em adaptar-se à instituição. Então ela foi comigo tomar banho. Na hora de tirar a roupa, ela não ficou à vontade e ficou meio constrangida. Chamou pela mãe. Deu pra ver que ela não ficou legal, não ficou à vontade e como era o primeiro banho que eu dava na minha vida, numa menina, eu quase chorei também, mas quando liguei o chuveiro e a água caiu em cima dela, acabou. Começou a rir, brincar... aí sim, comecei a dar banho nas meninas também. (TALLYS, 2011, *apud* RAMOS, 2011, p. 77).

Há indicativos de que grande parte dos professores precisa fazer um esforço no começo para que as crianças possam aceitá-los, principalmente, os que lidam com crianças da Educação Infantil. Muitas escolas têm professores homens como educadores infantis, porém, Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

aquelas que não possuem nenhum professor do sexo masculino, quando os recebem, acabam lidando com isso como uma novidade. É o que nos mostra um professor entrevistado por Gomides (2014):

[...] as crianças se identificaram muito comigo. Não sei se por conta delas estarem acostumadas só com professoras mulheres. Ai quando me viram lá, parece que todo mundo achou aquilo diferente e gostaram da novidade. Então, assim, eu me dei super bem com elas e as crianças também se deram super bem comigo. (RAUL, 2014, *apud* GOMIDES, 2014, p. 72).

No trabalho de Ramos (2011), já citado, um dos entrevistados aponta uma realidade em que as crianças não têm a figura paterna em casa e, sobre isso, ele assim manifesta-se: “[...] os meninos identificam em mim a figura paterna e de vez em quando me chamam de papai, porque realmente não tem pai. ” (TALLYS, 2011 *apud* RAMOS, 2011, p. 70).

A partir destes relatos problematizados por estes (as) pesquisadores (as), nota-se que existe uma necessidade de as escolas e seus(as) gestores(as) trazerem à tona o diálogo com os pais, para que sejam desmistificadas essas ideias que acabam por afastar os profissionais homens dessa área, ou, até mesmo, dificultar seus desempenhos e carreiras profissionais, uma vez que são tão importantes no processo de formação das crianças e têm todo o direito de exercer a profissão com dignidade.

3.4 Expectativas das equipes diretivas em relação aos professores na Educação Infantil

Das dissertações e tese analisadas, seis delas trazem as falas das diretoras sobre os professores homens na Educação Infantil: Pereira (2012); Gomides (2014); Santos (2014); Hentges (2015); Carvalho (2015) e Lopes (2015). Sobre a chegada dos professores nas escolas, algumas diretoras relatam que eles foram bem recebidos e que existe um clima afetivo na escola, outras diretoras entrevistadas relatam que com alguns professores o convívio é difícil, não pelo fato de estarem na profissão, mas pelo temperamento.

No relato apresentado por Hentges (2015), fica explícita, na fala da diretora, certa tranquilidade no processo de inserção da figura masculina na Educação Infantil. Sobre isso, ela afirma que “[...] a chegada foi tranquila, não vou te dizer que o pessoal não ficou meio

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

assim, homem né [...] Aqui na Educação Infantil a gente lida direto com a criança, mas foi tranquilo.” (IRIA, 2015 *apud* HENTGES, 2015, p. 59).

É perceptível, na fala da diretora Iria, que ela remete a ideia de “natureza feminina” e que se contradiz no momento em que fala que foi tranquila a chegada dos professores na escola, porém, ela também fala que houve estranhamento. Assim, é possível perceber como os (as) colegas se sentem em relação aos homens no espaço da Educação Infantil. Gomides (2014), no trabalho já citado, em entrevista com uma coordenadora, mostra a resistência das mulheres em relação aos homens na Educação Infantil:

[...] se eu estivesse entre a escolha de um homem e de uma mulher para ficar com crianças de um ou dois anos, eu escolheria a mulher [...]. Do berçário até os três anos é uma fase que a criança ainda é dependente de alguém muito, vamos dizer assim, emocionalmente. Então eu vejo essa questão pelo lado do cuidar. [...]. Vem o papel social mesmo, da mulher, da mãe, da cuidadora, isto está incutido. Isso é fato, é realidade, é verdade, é essencial para o ser humano. Não adianta, todos querem uma mãe. É diferente o tratamento. Socialmente, culturalmente, você vê, assim, a escolha de uma criança nas situações mais difíceis: ela pode amar o pai, mas na hora que ela tem uma dor de barriga, ela gritão quê? Mãe. (HÉLIA, 2014, *apud*, GOMIDES, 2014, p. 62).

O entrevistado de Lopes (2015) conta que “[...] a diretora o ameaçava constantemente, e vivia falando que se ele havia escolhido essa profissão ou era pedófilo ou era gay.” (MARIO, 2015 *apud* LOPES, 2015, p. 91). Outro relato do trabalho de Gomides (2014) faz refletir o quando a sociedade influencia as pessoas a acreditarem numa educação prioritariamente realizada por mulheres:

Eu acho que se [um professor homem] estivesse no berçário, eles [os pais] iriam me jogar pela janela. Mas, eu acho, assim, que de outras formas eles entram, como professor de Artes, como professor de Música. Porque o professor de Educação Física, ele vai apenas um dia, ele está ali, é igual ao de Música, ele está ali pra dar as atividades de Música e vai embora. Vamos dizer assim, a parte de educação, eu vou falar assim, moral, social, fica por conta de uma professora. (HÉLIA, 2014, *apud*, GOMIDES, 2014, p. 71).

Faz-se necessário que a escola entenda que o homem, em seu aspecto biológico, é diferente da mulher. Porém, ele também se qualificou para atuar na profissão de pedagogo, o que o torna habilitado para trabalhar; seja com crianças da Educação Infantil, que necessitam de maior cuidado, ou com crianças das series iniciais, que vão ao banheiro sozinhas e não necessitam da ajuda de um adulto. De qualquer modo, é premente a discussão sobre a Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº1, janeiro/junho 2019.– Curso de Pedagogia– UNESC

docência masculina na Educação Infantil entre os(as) gestores(as), além das questões de gênero.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo fazer o levantamento das Dissertações e Teses da CAPES, com o intuito de analisar em que medidas as pesquisas acadêmicas têm abordado o tema da docência masculina na Educação Infantil. Nas análises, foi possível perceber que ainda temos que avançar muito em relação à presença da docência masculina na Educação Infantil. Os estudos mostram que é urgente oportunizar para o profissional da Educação Infantil, como também para os pais, debates e reflexões a respeito do tema. Somente dessa forma poderá ser desconstruída a ideia de que a Educação Infantil é um espaço exclusivo para a docência feminina.

Igualmente, ainda é muito forte o pensamento de que a Educação Infantil é responsável pelo cuidar em detrimento do educar. Por isso que ocorre a associação ao gênero feminino, entendendo que é da própria natureza e não algo que é resultante de um processo de formação que pode ensinar homens e mulheres a exercerem esta habilidade. De certa forma, isso contribui para a desvalorização da profissão.

Nas análises, pôde-se compreender o quão é frustrante para um acadêmico de Pedagogia, que se dedica quatro anos em uma graduação, chegar a uma escola e ser discriminado, tanto pelos pais como, também, pelos (as) próprios (as) colegas. Certamente, este tipo de atitude não é nem um pouco respeitosa e democrática, tampouco inclusiva. É perceptível, nas falas dos entrevistados, que a Educação Infantil não é realmente o seu lugar, pois, de alguma forma, também já naturalizaram que o “cuidar” faz parte da natureza feminina.

O objetivo geral da pesquisa, que foi o de analisar se as pesquisas acadêmicas abordavam o tema da docência masculina na Educação Infantil, foi alcançado, porém, ainda espanta que tenhamos tão poucos trabalhos voltados para esse tema, já que, indireta e diretamente, essa questão perpassa temas tão falados na mídia. Em relação aos objetivos específicos, propôs-se a perceber se o gênero era utilizado como uma forma de análise e a

identificar as limitações e os preconceitos apontados, além de perceber o olhar das crianças na perspectiva dos professores e as expectativas das equipes diretivas voltadas para os professores da Educação Infantil. Dessa forma, pôde-se trazer relatos e falas dos entrevistados, que demonstraram que, de certa forma, o preconceito e as limitações ainda estão dentro dos muros da escola, por isso, acredita-se que seja muito difícil transformar ideia cristalizada de que a Educação Infantil pertence às mulheres. Entretanto, é imprescindível que esse tema seja trabalhado nas escolas para desmistificar o papel do educador infantil e transformar a Educação Infantil em um local igualitário.

6- REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998. 225 p.

ARCE, Alessandra. **Friedrich Froebel: o pedagogo dos jardins de infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 117 p.

CARVALHO, Ana Márcia de Oliveira. **Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schütz**. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

CIRQUEIRA, Nilson Sousa; SANTANA, José Valdir Jesus de. **A presença masculina na educação infantil: reflexões introdutórias**. 2015. Congresso. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/hkvX5>>. Acesso em: 23 maio 2017.

ESTADÃO. **Homens ainda são minoria entre professores de creche e pré-escola**, São Paulo, 14 junho. 2017. Disponível em <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,homens-ainda-sao-minoria-entre-professores-de-creche-e-pre-escola,70001839941>>. Acesso em: 25 set. 2017.

GOMIDES, Wagner Luiz Tavares. **Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da educação infantil**. 2014. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Viçosa.

HENTGES, Karine Jacques. **Homens na educação infantil: o que pensam as diretoras sobre isso?** 2015. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

HIRATA, H. i KERGOAT, D. "**Novas configurações da divisão sexual do trabalho**". *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, 2007, p. 595-609.

LA BANCA, Juliane Mendes Rosa. **O professor de educação infantil: o professor de educação infantil**. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LOPES, Elsa Santana dos Santos. **A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?** 2015. 160 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6.ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003. 184 p

NADER, Maria Beatriz. **A condição masculina na sociedade**. Dimensões: Revista de História da UFES, Vitória, n.14, p. 461-480, 2002.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1999. 320 p.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor homem na educação infantil: a construção de uma identidade**. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de belo horizonte – M.G.** 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2017.

SANTOS, Lilian Borges dos. **Gênero e Educação Infantil: o trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez. 1995.

SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil**. 2014. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOUZA, Mara Isis de. **Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais.** 2010. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/iqFUW>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

TEODORO, Luciano Gonçalves. **O trabalho docente na educação infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista.** 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto.

ULTIMO SEGUNDO: **Maioria no ensino superior, mulheres ainda estão em desvantagem.** Brasília, 09 dez. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/maioria-no-ensino-superior-mas-longo-dos-cargos-de-chefia/n1597400100786.html>>. Acesso em: 03 out. 2017.

ULTIMO SEGUNDO: **Mulheres que cometem abuso sexual.** São Paulo, 29 out. 2010. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/comportamento/mulheres-que-cometem-abuso-sexual/n1237814945574.html>>. Acesso em: 03 out. 2017.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Sílvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações.** Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180